



## O telejornalista brasileiro - trajetória de formação<sup>1</sup>

Valquíria Passos KNEIPP<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN e Unifor, Fortaleza, CE

### RESUMO

Este trabalho é a síntese de uma investigação a respeito da trajetória de formação do telejornalista brasileiro, através dos mais de 58 anos de introdução da televisão no Brasil e das implicações causadas pela influência do modelo americano de telejornalismo dentro deste processo evolutivo. Para o desenvolvimento da pesquisa foram entrevistados 37 telejornalistas, agrupados desde a década de 50 até 90. As entrevistas foram orientadas pelos preceitos estabelecidos pela história oral. As conclusões do trabalho revelaram, durante o processo evolutivo de formação do telejornalista brasileiro, algumas fases distintas, que foram identificadas e catalogadas, de acordo com os momentos históricos, políticos e econômicos ocorridos no país, e que a influência americana existiu e ainda existe.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; história oral; telejornalista, modelo americano.

### 1. Os entrevistados e as emissoras

A proposta da pesquisa aqui apresentada foi realizar uma investigação a respeito da formação do jornalista profissional, especializado em televisão, desde a sua implantação no Brasil, em 1950, até os dias atuais. Foram utilizados os depoimentos de profissionais que atuaram e atuam como telejornalistas, para resgatar um pouco desta trajetória, pois seria impossível realizar uma pesquisa com a totalidade destes profissionais. Esta investigação buscou suprir uma lacuna existente dentro da história da televisão e, também, valorizar os jornalistas, que, ao longo desta trajetória, com talento, intuição e dedicação desbravaram os caminhos da profissionalização para a produção de informação na televisão, com qualidade reconhecida mundialmente. Nestes mais de cinquenta e oito anos de implantação da tevê no Brasil foi possível verificar toda a evolução técnica, de conteúdo e de objetivos, através de uma extensa bibliografia existente. Faltava, porém, contar e analisar a formação do telejornalista sob a ótica dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista formada pela Unesp de Bauru, com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA/Usf, atua como professora universitária e telejornalista [valkneip@usp.br](mailto:valkneip@usp.br)



que fizeram e fazem a televisão brasileira, e é sobre isso que se debruçou a pesquisa a que se refere este artigo. No desenvolvimento do trabalho pretendeu-se, também, comparar as fases deste processo entre si, e com o chamado modelo americano, para apresentar uma nova leitura sobre o fazer telejornalismo no Brasil.

Este trabalho é resultado da busca que sempre fiz em minha vida profissional, como editora e produtora de telejornalismo, de unir a vivência profissional com a atividade acadêmica de professora na área. Apesar da pouca valorização do campo do telejornalismo dentro da comunicação, sempre acreditei na relevância do mesmo como elemento importante, na teoria e na prática, para o jornalismo como um todo.

Foi utilizada uma amostra de 37 jornalistas especializados em televisão. Segue, abaixo, uma relação com os nomes dos jornalistas entrevistados e as respectivas décadas em que os mesmos entraram no mercado de trabalho como telejornalistas e, ainda, as funções que os mesmos desempenharam ou desempenham:

Década de 50: Mário Fanucchi (Apresentador e diretor de arte);

Década de 60: Clélia Cardin (Produtora e chefe de reportagem), Demétrio Costa Editor e diretor de jornalismo), Fernando Pacheco Jordão (Diretor de jornalismo), Luiz Fernando Mercadante (Editor, chefe de redação e editor-chefe), Paulo Roberto Leandro (Diretor de jornalismo, editor regional e editor de texto), Fernando Barbosa Lima (Diretor e produtor executivo), Fabbio Peres (Editor chefe, editor e locutor) e Carlos Alberto Ballut Vizeu (Produtor);

Década de 70 : Sandra Passarinho (Repórter e produtora), João Batista de Andrade (Repórter e diretor), Laurindo Leal Filho (Editor e diretor de jornalismo), Sebastião Squirra (Editor, produtor executivo), Gregório Bacic (Redator e diretor) e Eduardo Coutinho (Produtor, editor e diretor);

Década de 80: Edson Higo do Prado (Coordenador de produção e produtor), José Maria Santana (Editor, editor-chefe e chefe de redação), Luiz Antonio Malavolta (Chefe de reportagem, produtor e produtor executivo), Luiz Carlos Azenha (Repórter e produtor), Marco Nascimento (Editor, produtor e diretor de jornalismo), Alfredo Vizeu (Editor, editor-chefe e professor), Vanessa Kalil (Produtora, editora e editora-executiva), Luiz Gonzalez (Editor, editor- executivo e chefe de redação), Silvia Poppovic (Repórter e apresentadora), Nelson Hoineff (Diretor), Carmen Amorin (Repórter), Marcos Gomide (Repórter e diretor de jornalismo), Paulo Markun (Repórter, comentarista e diretor),



Amauri Sérgio Soares (Editor, editor-executivo e diretor de jornalismo), Alceu Nader (Chefe de redação), Caco Barcellos (Repórter), Celso Pelosi (Editor de texto, editor regional e diretor de jornalismo) e José Carlos Aronchi de Souza (Editor de imagens, editor de texto e professor);

Década de 90: Alberto Luchetti (Diretor de jornalismo), Amilcare Dalevo Júnior (Proprietário), Rodrigo Vianna (Repórter) e Jacqueline Rodrigues (Editora, repórter e editora executiva).

A trajetória da formação do telejornalista foi investigada a partir da coleta de depoimentos dos profissionais selecionados entre as emissoras do passado e as atuais, como TV Tupi, TV Paulista, Rede Record, TV Rio, TV Continental, Rede Excelsior, Rede Cultura, Rede Globo, Rede Bandeirantes, Rede Gazeta, SBT, Rede Manchete, Rede TV, RBS, Rede 21, TV Verdes Mares e AllTV, dentre outros canais locais ou regionais, como a TV Bauru, que apresentou uma contribuição histórica para a pesquisa. A TV Bauru foi escolhida por ter sido a primeira emissora do interior da América Latina.

Com o estudo, pretendeu-se contribuir para o aprofundamento da história da tevê no Brasil, revelar algumas facetas do telejornalismo, promover um amplo debate com os profissionais da área, do passado e do presente e, ainda, fornecer subsídios para os jornalistas e estudantes que pretendem atuar ou pesquisar neste campo de trabalho.

O objetivo foi complementar algumas lacunas existentes, através da palavra dos próprios jornalistas, que, apesar de não terem tido imagem pública, tiveram importância na construção do modelo telejornalístico vigente no Brasil.

A construção histórica do profissional jornalista dedicado às atividades televisivas exigiu uma reflexão e levantamento amplo de informações, para apresentar um resgate deste percurso de formação, que caminha paralelamente com a história da tevê, no Brasil. Para tanto, é importante apresentar, inicialmente, um breve resumo da história dos telejornais no país.

## **2. Os telejornais e as emissoras brasileiras**

O ano de 1950 foi marcado pela implantação da televisão no Brasil. Um empresário, do tipo visionário, chamado Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, contrariando todos os



indicativos de uma pesquisa que havia encomendado aos técnicos americanos, sobre a possibilidade de implantação da televisão no Brasil, decide implantá-la, mesmo com a tendência negativa apontada pela referida consulta (50 anos da TV – documentário exibido pelo TV Globo no ano de 2000). Chateaubriand, na época dono de um império chamado Diários Associados, composto por 36 emissoras de rádio, 34 jornais e 18 canais de televisão (na sua fase áurea), era um empreendedor, ao velho estilo *tycoon*.

Desde o advento do novo meio, o jornalismo esteve presente na programação. *Imagens do Dia*, o primeiro telejornal da TV Brasileira, praticamente nasceu junto com a emissora pioneira, a TV Tupi de São Paulo, em 19 de setembro de 1950, um dia depois da inauguração da televisão brasileira, por Chateaubriand (50 anos da TV – documentário exibido pelo TV Globo no ano de 2000). O programa tinha estilo radiofônico, entrava no ar entre nove e meia e dez da noite. O jornalista Rui Rezende, do *Imagens do Dia*, era o locutor, produtor e redator das notícias, exemplo típico dos primeiros jornalistas e apresentadores do rádio, que faziam uma espécie de locução radiofônica com poucas imagens. Algumas notícias eram produzidas em filme preto e branco, sem som. O programa ficou no ar por três anos (MELLO E SOUZA, 1984: 37). Em 1954, foi substituído pelo *Telenotícias Panair*, um telejornal pontual, com horário certo para começar, às 21 horas, dando início ao que se conhece hoje como instantaneidade<sup>3</sup>. O *Telenotícias Panair* era apresentado por Toledo Pereira e ficou no ar pouco mais de um ano. Depois, veio o *Repórter Esso*, o primeiro telejornal de sucesso da TV brasileira. Estreou na TV Tupi de São Paulo em 17 de junho de 1953. Ficou no ar por quase 20 anos, de 1953 até 1970, e era dirigido e apresentado por Kalil Filho. Depois, com a expansão da televisão, em 1954, os cariocas ganharam a sua versão com Gontijo Teodoro. O *Repórter Esso* tinha horário fixo, às oito da noite, utilizava o plano americano. Levava o nome do patrocinador e seu slogan era: “Aqui fala o repórter Esso, testemunha ocular da história.” (PATERNOSTRO, 1999: 35). *Edição Extra* foi o primeiro telejornal vespertino. Era apresentado por Maurício Loureiro Gama, na TV Tupi de São Paulo, e lançou o primeiro repórter de vídeo da TV brasileira, José Carlos de Moraes, o “Tico-tico”. (PATERNOSTRO, 1999: 35). *Jornal de Vanguarda* foi uma tentativa de criticar a situação da época e começou a ser apresentado na TV Excelsior do Rio, em 1962. Depois, foi para as tevês Tupi,

---

<sup>3</sup> A informação da TV requer “hora certa” para ser vista e ouvida – a mensagem é momentânea, instantânea. Ela é “captada” de uma só vez, no exato momento em que é emitida. Não tem como “voltar atrás e ver de novo”, ao contrário de jornal ou revista (PATERNOSTRO, 1999: 64).



Continental e Rio. Foi concebido e criado pelo jornalista Fernando Barbosa Lima e inovou com vários locutores e comentaristas, entre eles, Célio Moreira, irmão de Cid Moreira. O programa foi retirado do ar pela censura, em 1968. O *Show de Notícias* surgiu na TV Excelsior de São Paulo, em 1963, e ficou no ar até 1964. Dirigido pelo jornalista Fernando Pacheco Jordão, tinha a mesma linha do *Jornal de Vanguarda*. Com a implantação da tevê Globo, em 1965, o primeiro telejornal da emissora foi o *Tele Globo*, que era exibido em duas edições – às 12 e às 19 horas. Em 1966, o *Tele Globo* passou a ter uma única edição, às 13 horas. Começou nesta época o *Ultranotícias*, com duas edições diárias. A primeira era apresentada por Paulo Gil Soares, às 15 horas, e a segunda, às 19h45, era comandada por Hilton Gomes e Irene Ravache. Em setembro do mesmo ano, o telejornal ficou só com a edição noturna. Os patrocinadores do *Ultranotícias* eram a Ultragas e a Ultralar, com a produção da agência de publicidade McCann Erickson. Nesta época, era comum as agências de publicidade interferirem diretamente na linha editorial dos telejornais, como acontecia também com o *Repórter Esso*, pois o diretor de jornalismo, na época, era o publicitário Mauro Salles. Essa situação de dependência só terminou em 1967, com a chegada de Armando Nogueira à direção de jornalismo da emissora. Ele pôs fim ao *Ultranotícias* e criou o *Jornal da Globo*, apresentado por Luís Jatobá e Hilton Gomes. Era exibido às 19h30 e tinha Ramos Tinhorão como editor-chefe. Ficou no ar até 31 de agosto de 1969, dando lugar ao *Jornal Nacional*, primeiro noticiário em rede nacional, que entrou no ar em 1º de setembro de 1969, na TV Globo do Rio de Janeiro. Foi o primeiro a usar o sistema Embratel via satélite. Criado por uma equipe comandada pelo jornalista Armando Nogueira, também foi o primeiro a apresentar reportagens em cores, o primeiro a mostrar imagens, via satélite, de acontecimentos internacionais no mesmo instante em que eles ocorriam, além de inovar no estilo da linguagem e da narrativa. A figura do repórter era copiada do modelo americano, através do enquadramento, do texto curto e objetivo, e da agilidade das reportagens. O *Titulares da Notícia* foi o primeiro telejornal da tevê Bandeirantes, em 1967. O *Bom Dia São Paulo* estreou em 1977, na TV Globo de São Paulo, depois foi implantado em todas as afiliadas da Rede Globo. Constituiu a primeira experiência de telejornal matutino. Foi concebido em forma de prestação de serviços e era exibido de segunda à sexta-feira, às 7h. Foi o primeiro telejornal a utilizar UPJ - Unidade portátil de jornalismo. Foi caracterizado, pela emissora, como Jornalismo Comunitário, apesar de não ser produzido pela comunidade, mas sim para a comunidade. A revista *TV Mulher*, em 1980, na TV Globo de São Paulo, foi o primeiro



programa jornalístico dedicado à mulher e seguia o modismo do movimento de liberação feminina, consagrando a jornalista Marília Gabriela. Era exibido das 8 às 11 horas da manhã. Tinha como característica o debate de assuntos como comportamento sexual, direitos e saúde da mulher. O *Bom Dia Brasil* estreou em 1983, como noticiário em rede nacional, gerado em Brasília. Tinha como conteúdo, principalmente, os assuntos políticos e econômicos. Atualmente, é gerado do Rio, com participação ao vivo das praças de São Paulo e Brasília, e contém um leque de assuntos bem mais amplo. Em julho de 1980, a TV Tupi foi cassada pelo governo militar e suas emissoras foram divididas entre dois grupos empresariais: Sílvio Santos e Adolfo Bloch. Surge daí, ainda em 1980, a TVS, que posteriormente passou a se chamar SBT – Sistema Brasileiro de Telecomunicação, comandado pelo empresário Sílvio Santos. Depois, em 1983, é inaugurada a Rede Manchete, do grupo Bloch, que nos anos 90 foi vendida e passou a se chamar Rede TV. Durante a fase áurea, a Manchete teve dois programas jornalísticos que marcaram época: o *Jornal da Manchete* (exibido inicialmente com duas horas de duração e depois com uma hora em duas edições diárias) e o *Documento Especial* – documentário com edição de planos e linguagem diferenciada. O SBT resolve investir em jornalismo e lança o *TJ Brasil*, em 04 de setembro de 1988. Foi o primeiro noticiário brasileiro a trazer a figura do âncora, um apresentador que emite, além da informação, a opinião. O jornalista Boris Casoy conquistou o espaço com a opinião, mas ficou no SBT até 1997. (PATERNOSTRO, 1999: 37). Depois se transferiu para a Rede Record, onde ficou até 2005. Boris Casoy também teve uma breve passagem pela TVJB, uma emissora a cabo que ficou menos de um ano no ar, em 2007. Atualmente, está apresentando o *Jornal da Noite*, na TV Bandeirantes. *Aqui Agora* foi criado em 1991, pelo SBT, para conquistar a audiência das classes C, D e E. Tinha características sensacionalistas: era apelativo, com reportagens policiais de aventura, flagrantes, denúncias, violência e tensão. Era considerado pela emissora como Jornalismo Comunitário. Saiu do ar no final de 1997. O *Jornal da Band* entrou no ar em 17 de fevereiro de 1997, com o jornalista Paulo Henrique Amorim como repórter, apresentador e editor-chefe. Tinha característica opinativa, pois o apresentador expressava a opinião a respeito das notícias exibidas. Ficou no ar até 12 de janeiro de 1999, nesta configuração.

A Globo News foi o primeiro canal brasileiro de jornalismo 24 horas. Está no ar desde 15 de outubro de 1996. Inicialmente, copiou o modelo americano da CNN. Depois, veio a opção pela reprogramação da programação da TV aberta. Possui noticiário de hora em



hora e programas informativos durante toda a programação. A Band News entrou no ar em 19 de março de 2001. Tenta manter o modelo americano da CNN, repetindo o noticiário a cada quarenta minutos, em média. Tem o visual com as tarjas azul e vermelha, típicas da CNN. Em 2002, o mesmo grupo colocou no ar o Band Sports – um canal de notícias especializado em esporte. No ano de 2007, a tevê Record coloca no ar o Record News – um canal de notícias transmitido em sinal aberto.

A TV Cultura teve, em 1971, seu primeiro programa jornalístico, o *Foco Noticioso*, com o jornalista Nemércio Nogueira. Era um telejornal semanal, às sextas-feiras ([www.tvcultura.com.br](http://www.tvcultura.com.br)). Em 1988, colocou no ar o programa *Roda Viva* e, depois, no final da década de 80, o *Jornal da Cultura* ([www.tvcultura.com.br](http://www.tvcultura.com.br)).

Tendo em vista a história do telejornalismo brasileiro, cujos programas foram aqui breve e resumidamente apresentados, torna-se importante contar, também, a história da trajetória do profissional de jornalismo que participou deste processo e que agora se prepara para dar um salto rumo à TV digital.

### **3. As fases da trajetória de formação**

Para realizar uma pesquisa sobre a trajetória e a formação do profissional de telejornalismo no Brasil, através dos mais de cinquenta e oito anos deste meio no país, um primeiro recorte a se fazer é listar as possíveis fases de desenvolvimento da televisão, desde a sua implantação até os dias atuais. A pesquisa também buscou traçar um panorama futuro deste profissional, visto que a TV digital e a TV pela Internet ainda são embrionárias. Conforme o modelo apresentado pelo Brasil em SRI (sistema de recuperação de imagens), o acesso ao público poderia ser garantido com a digitalização de imagens em movimento, a transmissão via internet e a utilização das novas tecnologias de compactação de vídeo (streaming) <sup>4</sup>.

De acordo com Mattos, as possíveis fases de evolução da televisão no Brasil podem ser divididas em seis<sup>5</sup>:

- 1) A fase elitista (1950-1964), quando o televisor era considerado um luxo ao qual apenas a elite econômica tinha acesso;
- 2) A fase populista (1964-1975), quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade e programas

---

<sup>4</sup> BRASIL, 2005: 127.

<sup>5</sup> MATTOS, 2000: 78-79.





de auditório e de baixo nível tomavam grande parte da programação; 3) A fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985), quando as redes de TV se aperfeiçoaram e começaram a produzir, com maior intensidade e profissionalismo, os seus próprios programas, com estímulo de órgãos oficiais, visando, inclusive, a exportação destes; 4) A fase da transição e da expansão internacional (1985-1990), durante a Nova República, quando se intensificaram as exportações de programas; 5) A fase da globalização e da TV paga (1990-2000), quando o país busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se adapta aos novos rumos da redemocratização; 6) A fase da convergência e da qualidade digital, que começa no ano 2000, com a tecnologia apontando para uma interatividade cada vez maior dos veículos de comunicação, principalmente, a televisão com a Internet e outras tecnologias. (MATTOS, 2000)

Dentro deste panorama inicial, o resgate dos profissionais de jornalismo que atuam e atuaram deu-se através das primeiras emissoras, passando pelas seis fases, que ora renomeamos para tratar do profissional telejornalista:

- 1-) o rádio com imagens (anos 50);
- 2-) a fase cinematográfica (anos 60);
- 3-) a cópia e adoção do modelo americano (anos 70);
- 4-) a valorização do texto (anos 80);
- 5-) a segmentação dos conteúdos e dos formatos (anos 90);e
- 6-) o início do caminho para a era digital (anos 2000), até chegar à atualidade.

A partir das seis fases, uma readequação, agrupando-as duas a duas, se fez necessária para comparar o processo evolutivo da trajetória de formação do telejornalista brasileiro.

Com as emissoras já relacionadas anteriormente, buscaram-se os entrevistados, que são profissionais do passado e do presente, e que desempenharam ou desempenham as funções de diretor de jornalismo, chefe de redação, editor de texto, editor executivo, editor chefe, repórter, chefe de reportagem, produtor e pauteiro.





O ensino e a pesquisa em telejornalismo também correspondem a uma parte do trabalho, através da análise documental e de entrevistas com uma amostra de telejornalistas professores, a partir de Laurindo Leal Filho, Sebastião Squirra, Alfredo Vizeu, José Carlos Aronchi de Souza, entre outros.

#### **4. O telejornalismo Brasileiro**

Esta pesquisa trata de um tema que visa resgatar a história do jornalista de TV brasileiro, e, ainda, tratar da sua condição no futuro, num momento simbólico para o audiovisual no país, pois caminhamos para a TV digital ou para mais uma mudança profissional, tecnológica e estética. É necessário não só contar a história da TV no Brasil, mas fazer o resgate do jornalista dentro desta história ou, ainda, conforme propõe Marques de Melo, fazer uma ação investigativa articulada, de modo a registrar a história do jornalismo praticado no Brasil, através do que ele define como jornalismo brasileiro<sup>6</sup>.

Ao se trabalhar com a história do profissional de TV, foi importante ter em mente algumas possibilidades a serem aferidas durante o processo de formação deste jornalista, como a cópia do modelo americano ou o desenvolvimento de um modelo próprio, com características peculiares à cultura e à condição social do país. A pesquisa traçou também um panorama futuro deste profissional, visto que a TV digital e a TV pela Internet ainda são embrionárias.

Alguns autores foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente os que trataram da história da TV. O ponto de partida é Marques de Melo<sup>7</sup>, com a noção de *Jornalismo Brasileiro*, dentro do campo da comunicação, que torna possível a realização de pesquisa histórica com profissionais de jornalismo. Marques de Melo<sup>8</sup> também está na base, ao situar historicamente o universo da comunicação, dando conta do desenvolvimento dos estudos de comunicação e da constituição de um campo específico de pesquisa no âmbito das ciências sociais aplicadas, através da Escola Latino-Americana de Comunicação.

A contribuição de Beltrão deu-se com alguns subsídios sobre a teoria da comunicação de massa, na qual podemos enquadrar a televisão. Já Sampaio, com o fundamento inicial do Jornalismo Audiovisual e o primeiro conceito de telejornalismo brasileiro.

---

<sup>6</sup> MARQUES DE MELO, 2003: 13.

<sup>7</sup> MARQUES DE MELO, 2003.

<sup>8</sup> MARQUES DE MELO, 1998.



Dentre os autores que já trataram da história da TV, é importante destacar o trabalho de Sérgio Mattos, de 2000, *A televisão no Brasil: 50 anos de história*. Outra obra significativa dentro da pesquisa, para auxiliar o embasamento teórico, foi *Comunicação e televisão – desafios da pós-globalização*, de Sérgio Capparelli e Venício Lima, onde os autores analisaram o fenômeno da globalização e da pós-globalização no Brasil, levando em conta o que eles chamaram de encruzilhada digital, o que ajudou na pesquisa, a respeito desta fase de transição pela qual a televisão brasileira está passando. Carlos Eduardo Lins da Silva contribuiu com importante estudo sobre a audiência do *Jornal Nacional*, através de um perfil histórico da Rede Globo, na obra *Muito além do jardim botânico*. Uma comparação entre o jornalismo brasileiro e o americano foi observada, porque o mesmo autor buscou a origem da influencia americana no jornalismo brasileiro, no seu *O adiantado da Hora*. Uma retrospectiva do telejornalismo brasileiro foi a contribuição de Guilherme Jorge de Rezende, ao traçar um perfil editorial do telejornalismo no Brasil. Já Sebastião Squirra, realizou uma objetiva revisão bibliográfica sobre o telejornalismo brasileiro, no *Boris Casoy - O Âncora no telejornalismo Brasileiro*. A obra mais recente que também traz a história do telejornalismo brasileiro e um recorte específico a respeito do telejornalismo da Rede Globo é *Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo*, de Ana Carolina Pessoa Temer, e, ainda, o trabalho de mestrado da mesma autora, que resgatou a história da TV Triângulo, através de depoimentos no estudo: *Colhendo notícias, plantando imagens: a reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes do seu telejornalismo*. Um estudo sobre os manuais de telejornalismo, realizado por Rúbia Vasques, em 1999, denominado *O Conhecimento brasileiro sobre o telejornalismo*, também forneceu importante colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

*Sobre a Televisão*, de Pierre Bourdieu, contribuiu para o desenvolvimento do trabalho, pois trata do jornalista na televisão, elemento que deverá estar inserido na questão da formação e desenvolvimento do profissional de televisão.

A pesquisa também foi complementada com artigos de jornais, periódicos especializados e entrevistas com profissionais do segmento e internet.

Com este trabalho, pôde-se entender o processo de evolução profissional do jornalista de televisão e até valorizar figuras que sempre estiveram nos bastidores de todo este processo, como os jornalistas sem formação acadêmica, por exemplo.



No campo prático, esta pesquisa pretendeu contribuir para o aperfeiçoamento do jornalista televisivo brasileiro que está em atividade e do que intenciona, no futuro, dedicar-se a esta prática.

De uma forma geral, esta pesquisa realizou um levantamento histórico, que envolveu a televisão brasileira e o jornalista profissional deste meio, para também, mais especificamente, traçar um paralelo comparativo, através do tempo, com cada uma das fases evolutivas e uma perspectiva para o futuro, tanto em relação ao meio TV, quanto ao jornalista profissional.

A pesquisa intitulada *Trajetória de formação do telejornalista brasileiro: as implicações do modelo americano* visou:

- 1- analisar o processo histórico que levou ao telejornalismo contemporâneo e buscou um aprofundamento e um questionamento deste(s) momento(s) significativo (s) do jornalista profissional de TV para o país;
- 2- fazer uma revisão e uma reflexão crítica da história da TV no Brasil, acrescentando a atual fase pela qual o meio passa;
- 3- promover um mapeamento de toda a trajetória do profissional jornalista dentro de emissoras de TV, desde a formação dele, e as transformações ocorridas no fazer jornalismo dentro de emissoras de tevê e na academia, ao longo dos mais de cinquenta e oito anos de existência deste meio no país.

Em relação à prática jornalística, que certamente sofreu nos últimos dez anos uma mudança na forma de produção e que, provavelmente, ainda sofrerá outras, encontrou-se uma revolução que mudou a perspectiva sobre o jornalista profissional no Brasil. Quanto a isto, a presente pesquisa buscou relacionar um conjunto de medidas que poderão auxiliar o novo perfil profissional para o jornalista de TV.

O material humano usado durante a pesquisa constituiu-se dos jornalistas que participaram do processo televisivo desde a sua implantação, no seu desenvolvimento e até os dias atuais. Tivemos apenas 1 jornalista que iniciou a sua atuação como telejornalista nos anos 50, ou seja, na fase radiofônica da tevê, com idade entre de 60 e 70 anos; outros 14 jornalistas, que iniciaram-se em telejornalismo nos anos 60 e 70, época caracterizada pelo cinema e início da adoção do modelo importado dos Estados Unidos, com cerca de 40 e 50 anos de idade; mais 18 jornalistas, que iniciaram ou atuam a partir dos anos 80 até os dias atuais, com idades entre 35 e 50 anos; e outros 4 telejornalistas, que começaram a trabalhar em televisão nos anos 90. Foram



selecionados, única e exclusivamente, jornalistas que exerceram ou exercem as mais variadas funções dentro do departamento de jornalismo. Não foram entrevistados técnicos e outros profissionais que fazem parte do processo do telejornal, pois esse não era o foco da pesquisa. O recorte deu-se em trabalhar apenas com os jornalistas.

As funções exercidas por estes profissionais visaram dar cabo do processo de elaboração de um telejornal, do início ao final do mesmo. Por isso, foram entrevistados profissionais da produção, da edição e da apresentação e reportagem, também.

A amostra, tanto dos profissionais quanto das funções, está relacionada à amplitude da pesquisa e à própria necessidade dela, mas, no decorrer do trabalho, teve de ser readequada, quando necessário, como foi o caso dos jornalistas que iniciaram suas carreiras nos 50. Muitos destes profissionais faleceram no decorrer da pesquisa, como o jornalista Paulo Patarra<sup>9</sup>, e outros foram localizados, mas encontravam-se sem condições de conceder entrevista, por problemas de saúde, como o jornalista Armando Nogueira. Outros, ainda, não puderam contribuir por falta de horário em suas agendas.

## **5. A história oral**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, vários procedimentos diferentes foram utilizados e combinados. Inicialmente, uma pesquisa bibliográfica mais profunda ajudou na construção da fundamentação teórica e na melhor localização do objeto de estudo dentro do campo da comunicação.

Um amplo levantamento bibliográfico precedeu a pesquisa de campo, para dar maior aprofundamento ao que existe sobre a história da TV brasileira e no mundo.

Num segundo momento, a pesquisa de campo, através de entrevistas com diretores de jornalismo, chefes de redação, editores de texto, repórteres, chefes de reportagem, apresentadores e pauteiros ajudou a compor a parte histórica do levantamento que se pretendeu.

O método utilizado foi a pesquisa qualitativa, através da utilização de entrevista gravada, que contém um panorama da vida profissional de cada personagem, através da história de vida ou, como também é conhecida, a história oral. De acordo com Meihy, esta é uma prática de apreensão de narrativas feitas através do uso de meios eletrônicos

---

<sup>9</sup> O jornalista Paulo Patarra foi localizado através do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, em 23 de janeiro de 2008, dois dias após a sua morte impossibilitando assim a sua participação na pesquisa.



e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato<sup>10</sup>. Esta técnica é indicada por se tratar de um assunto amplo e “aberto”, de acordo com Thiollent<sup>11</sup>, que permitiu, assim, a substituição de um questionário por um simples roteiro de entrevista. Houve uma readequação da premissa básica da história oral, devido às peculiaridades e às proximidades da mesma com o jornalismo.

Um roteiro básico para as entrevistas foi desenvolvido e seguido, com informações como formação, tempo de trabalho, funções exercidas, empresas e atividades desenvolvidas. Mas, em alguns casos, houve alterações em função das próprias histórias que cada personagem se propôs a contar.

Os procedimentos utilizados mostraram-se os mais adequados, devido à atualidade da pesquisa e à diversidade apresentada pelo objeto de estudo, mas foram repensados e ampliados, quando houve necessidade ou possibilidade.

Os dados foram organizados através das etapas históricas, com a relação dos profissionais de cada uma delas, em suas distintas funções. Tópicos, como tempo de trabalho, funções ocupadas, atividades desenvolvidas, emissoras em que trabalharam, dentre outros, foram analisados de acordo com a história profissional de cada entrevistado.

Os dados foram interpretados através do método comparativo, entre uma fase e outra, e também em relação ao que se pretendeu definir como o modelo americano, modelo europeu e o modelo brasileiro. Também foram estabelecidas relações entre as variáveis, como rotina de trabalho, forma de apresentação, forma de produção, forma de edição de texto e imagem, hierarquia dentre as funções, funções exercidas pelos jornalistas, formação do jornalista, entre outras que se mostraram relevantes e necessárias no decorrer da pesquisa.

Pretendeu-se, na conclusão da pesquisa, apresentar um resumo dos resultados alcançados nos planos teórico, metodológico, temático e prático. Outro objetivo da

---

<sup>10</sup> MEIHY, 2005: 17.

<sup>11</sup> THIOLLENT, 1980: 33.



pesquisa foi expor as possíveis contribuições para o avanço do conhecimento sobre o profissional de televisão e da história da TV.

Através das seis fases pelas quais passou o telejornalista brasileiro, foi possível compreender que a evolução profissional ocorreu de maneira ininterrupta, durante estes anos e sempre recebendo influência americana. A fase inicial, nos anos 1950, denominada radiofônica ou rádio com imagens, foi marcada pela improvisação, irregularidade de programas, falta de definição de funções (os profissionais eram uma espécie de faz tudo) e muitas falhas devido à tecnologia rudimentar. As condições de trabalho dos profissionais eram precárias, devido à péssima qualidade do material utilizado (película em preto e branco), à falta de factualidade das notícias e à falta de áudio, que impossibilitava a gravação de entrevistas. Os profissionais eram, na grande maioria, radialistas, que foram convocados para trabalhar na televisão. Por isso, eles simplesmente reproduziram na televisão as rotinas de produção do rádio, sem levar em consideração o poder das imagens. Nos anos 1960, começou-se a pensar num texto específico para a televisão. Surgiu, então, a figura do redator (atual editor de texto), que era o responsável pelo texto. Nesta fase, alguns telejornais começaram a ter horário fixo, como o *Repórter Esso* - foi a primeira tentativa de implantação de um modelo americano, pois os jornalistas seguiam um manual trazido dos Estados Unidos e implantado inicialmente nas emissoras de rádio. Outra característica desta época foi a identidade própria de telejornais, como o *Jornal de Vanguarda*, no Rio de Janeiro e o *Show de Notícias*, em São Paulo. A partir de 1964, a instalação da ditadura no país provocou a estagnação dos conteúdos, que passaram a ser controlados pelos militares, através da censura prévia. A televisão foi considerada por muitos autores como o veículo mais censurado e sem conteúdo.

A segunda fase – cinematográfica e modelo americano, abrangendo as décadas de 1970 e 1980, foi marcada inicialmente pela evolução tecnológica e a implantação do modelo americano de telejornalismo. Este modelo ficou presente com a criação do primeiro telejornal em rede nacional, o *JN*, um marco desta época. Com a chegada do filme colorido e da captação de áudio, as condições melhoraram, devido às gravações de entrevistas. No aspecto tecnológico, o teleprompter e o cromaqui contribuíram para o aperfeiçoamento das transmissões. Na década de 1970, muitos cineastas foram trabalhar no telejornalismo, como João Batista de Andrade, Gregório Bacic, Eduardo Coutinho,



entre outros. Eles faziam um trabalho autoral no *Globo Repórter*, que na década seguinte foi substituído pelo repórter de televisão, com a produção em escala industrial, sem a possibilidade de autoria. Na década de 1980, com o processo de redemocratização do país, surgiu a possibilidade de fazer um telejornalismo factual. Neste período, muitos jornalistas do impresso, que até então tinham muito preconceito em relação à televisão, foram convocados para trabalhar. Tinha-se a cultura de que a televisão era um veículo sem conteúdo. Para mudar isso, jornalistas oriundos do impresso, como Fernando Mercadante, José Maria Santana, Luiz Gonzalez, Silvia Poppovic, Carmen Amorin e Edson Higo do Prado reforçaram o telejornalismo da tevê Globo. Pode-se dizer que este foi um dos períodos mais produtivos do telejornalismo. Houve uma primeira tentativa de organização do conhecimento em telejornalismo, através do primeiro *Manual de Telejornalismo* da Globo. Com chegada do vídeo, as condições de produção de notícia na tevê melhoraram.

Na terceira fase, que compreende os anos de 1990 e o novo milênio, a partir de 2000, ocorreu a segmentação dos conteúdos e dos formatos, num primeiro momento. Depois, iniciou-se o caminho para digitalização. A informatização das redações, iniciada nos anos de 1990, foi o primeiro passo para aumentar a agilidade dos noticiários. Na sequência, o aumento das transmissões ao vivo em nível global. A chegada, mesmo que tardia no Brasil, da tevê a cabo e dos canais de notícia trouxeram novos formatos e mais conteúdo. O início da corrida para tevê digital, apesar das polêmicas para escolher o modelo adequado ao Brasil, atrasou o processo, mas não o inviabilizou. As emissoras de todo o país saíram da edição linear para a não linear, estão trocando as fitas magnéticas pelos HDs, e o sinal digital já pode ser transmitido e recebido em vários estados brasileiros. O perfil do profissional para esta nova fase, com a tendência de enxugamento das redações, agrega uma boa formação acadêmica a conhecimentos técnicos e aprofundados de informática. Ou seja, está se buscando um telejornalista que faça tudo, como no início, que seja produtor, saiba operar câmeras, consiga editar textos e imagens e, ainda, tenha desenvoltura para reportagens e apresentações.

## Referências

- BOURDIEU, P. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BRASIL, Antônio. *A revolução das imagens – uma proposta para o Telejornalismo na Era Digital*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.





- CAPPARELLI, Sérgio, LIMA, Venício A. de. *Comunicação e Televisão – desafios da pós-globalização*. São Paulo: Hacker, 2004.
- MARQUES DE MELO José. *Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-Americanos*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: R Sulina, 2003.
- MATTOS, Sérgio. *A televisão no Brasil: 50 anos de história*. Salvador: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *História da televisão Brasileira – uma visão econômica, social e política*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MELLO E SOUZA, Cláudio. *15 anos de História*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.
- MEMÓRIA O GLOBO. *Jornal Nacional: A notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- MORAIS, Fernando. *Chatô – o rei do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV – Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- REZENDE, Guilherme Jorge. *Telejornalismo no Brasil – um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- SAMPAIO, Walter. *Jornalismo Audiovisual – rádio, TV e cinema*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1971.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus, 1985.
- SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. *Boris Casoy – o âncora no telejornalismo brasileiro*. São Paulo: Vozes, 1993.
- SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. *Aprender Telejornalismo – produção e técnica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- SOUZA, Cláudio Mello e. *15 anos de História*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.
- TEMER, Ana Carolina Pessôa Temer. *Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo*. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Colhendo notícias, plantando imagens: a reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes do seu telejornalismo*. 1998 327 p. Mestrado – Comunicação Social, São Bernardo do Campo – Universidade Metodista.
- THIOLLENT, Michel J. M. *Crítica metodológica, investigação social & enquête operária*. Polis, 1980.